

## ÍNDICE

Sempre a Pedalar <i>Ladrões de Bicicletas</i>	9
O Neoliberalismo Não É Um <i>Slogan</i> <i>João Rodrigues</i>	15
O Desconcerto da Globalização <i>José Castro Caldas</i>	33
Estagnação e Financeirização <i>Nuno Teles</i>	53
O Papel do Estado no Desenvolvimento das Capacidades Produtivas <i>Ricardo Paes Mamede</i>	71
Imprensa: A Fábrica de Chouriços Vai Ter <i>Robots</i> <i>João Ramos de Almeida</i>	89
Flexibilizar para Criar Emprego? <i>Diogo Martins</i>	111
Estado Social e Desmercadorização do Bem-Estar <i>Nuno Serra</i>	137
O Preço do Euro <i>Jorge Bateira</i>	155
Desvalorização Interna e Desequilíbrios Macroeconómicos na Zona Euro <i>Paulo Coimbra</i>	179
À Espera da Reestruturação da Dívida <i>Eugénia Pires</i>	195

Histórias do Nosso Futuro	223
<i>Alexandre Abreu</i>	
Macron, a Frente Nacional e a Social-Democracia Europeia	237
<i>Hugo Mendes</i>	
Tornar Possível o Impensável	247
<i>José Guilherme Gusmão</i>	
Notas Biobibliográficas	271

## Sempre a Pedalar

*Os economistas no sentido em que eu os trato são uma espécie de núncios e arautos dos mercados. Escrevi uma crónica contra esses economistas, os que em geral têm acesso às televisões. Não são todos. Eu frequento um blogue de economistas que se chama Ladrões de Bicicletas, em que se fala de outra forma. Curiosamente, o título não remete para a economia, mas para a arte e o cinema. Não sou tão insano que não saiba que as realidades económicas existem, o que me parece é que lá por serem realidade não são necessariamente verdadeiras.*

MANUEL ANTÓNIO PINA

A 17 de Abril de 2007, um texto colectivo procurava começar “a falar de outra forma” de economia, isto para seguir os generosos termos do cronista e poeta Manuel António Pina numa das suas últimas entrevistas<sup>1</sup>:

Os dilemas trágicos que os indivíduos têm de enfrentar em resultado da falta de recursos e de poder tornam-se visíveis num belo filme italiano a que este blogue roubou o nome. Não somos cineastas, mas economistas. Acreditamos que a economia, como o cinema, pode ser um “desporto de combate”. Temos partidos e ideologias diferentes e divergentes, mas convergimos no que hoje importa. Pleno emprego, serviços públicos, redistribuição da riqueza e do rendi-

<sup>1</sup> A entrevista está disponível em <https://ionline.sapo.pt/451049>.

mento, controlo democrático da economia fazem parte do caminho que queremos percorrer. Recusamos e combatemos as “evidências” e mitos que alimentam o actual consenso neoliberal. Acreditamos que o mercado sem fim é a ideologia transponível do nosso tempo. Mas uma coisa reconhecemos aos nossos adversários e a F. Hayek, o seu grande ideólogo: “nada é inevitável na existência social e só o pensamento faz que as coisas sejam o que são”. Este blogue é, portanto, um espaço de opinião de esquerda, socialista e que pretende desafiar o actual domínio da direita na luta das ideias. Pedalemos então!

Era a primeira entrada no blogue Ladrões de Bicicletas, assinada por “João, Pedro, Nuno e Zé”. A ideia do projecto e do seu nome foi sugerida pelo Pedro Nuno Santos, que, com o João Rodrigues, o Nuno Teles e o José Guilherme Gusmão, fundou o blogue, uma colaboração que tem as suas origens mais distantes no ISEG (Instituto Superior de Economia e Gestão), onde os quatro (e outros de nós) se formaram em economia nos anos noventa e juntos se envolveram no movimento estudantil. Queriam agora criar um blogue que fosse de economia e ancorado à esquerda, fazendo jus às tradições plurais de pensamento crítico numa área demasiado colonizada pelas direitas.

Desde então, o blogue acolheu Ricardo Paes Mamede, José Castro Caldas, Jorge Bateira, Nuno Serra, Alexandre Abreu, João Galamba, João Ramos de Almeida, Eugénia Pires, Hugo Mendes, Diogo Martins e Paulo Coimbra, também autores actuais do Ladrões de Bicicletas. Outros entraram e saíram, por indisponibilidade de tempo e não pelas zangas que são frequentes neste meio. Liberdade, igualdade e fraternidade, sem esquecer confiança e regras claras, vertidas num texto escrito evocado sempre que necessário, são responsáveis pela duração desta experiência.

A sua criação e os sucessivos alargamentos tornaram o blogue naquilo que é hoje: um espaço que procura interpretar a realidade económica para ajudar a transformá-la politicamente. Em dez anos, as posições dos autores evoluíram de diferentes modos e o próprio blogue foi mudando para lá das posições individuais: no início insistíamos muito num debate mais académico, muitas vezes em reacção às vulgaridades económicas produzidas e difundidas por uma certa direita dita liberal; com o tempo fomos diversificando o regis-

to, numa toada de economia política mais assumida, e privilegiando interlocutores para lá da blogosfera.

Para estas transformações do blogue contribuiu a evolução de um mundo que não deu descanso a quem procurava compreendê-lo e transformá-lo. O blogue nasceu e afirmou-se num contexto historicamente único, tanto a nível internacional como nacional. Tendo surgido para combater a hegemonia do neoliberalismo, quis o destino que fosse fundado nas vésperas da grande crise deste regime internacional. Assim, os textos publicados ofereceram desde cedo uma leitura pouco comum por estas bandas sobre os factores que estiveram na origem do colapso financeiro, argumentando a favor de uma estratégia de resposta à crise que preservasse o emprego e os direitos sociais. A crise financeira iniciada nos EUA transmutou-se em crise da Zona Euro, tendo como desfecho em Portugal um “programa de ajustamento” que visava acima de tudo ajustar contas com o passado e aproveitar a instabilidade geral para pôr em causa regras fundamentais de um Estado de direito democrático. À escala nacional, os textos publicados no Ladrões de Bicicletas contribuíram para desafiar a narrativa dominante sobre as causas da crise portuguesa, apontando os arranjos institucionais europeus como factores indispensáveis para a sua compreensão.

As várias expressões da crise que marcou os dez anos de existência do blogue, que só tem paralelo nos anos trinta do século xx, confirmaram a intuição que esteve na base deste projecto colectivo — as soluções neoliberais geram desigualdades sociais mais cavadas, crises económicas mais recorrentes e monstros políticos sem fim. No entanto, também é verdade que o neoliberalismo está longe de ser superado, dado o lastro deixado pelos interesses e pelas instituições, sobretudo supranacionais. Uma ideologia económica com décadas de vitórias políticas nunca saíria facilmente de cena, de qualquer forma.

Depois dos anos de chumbo da troika, num país estagnado, altamente endividado ao exterior e praticamente desprovido de instrumentos de política económica, a construção de uma alternativa seria sempre tão difícil quanto necessária. A solução política que se encontra em vigor no momento que comemoramos o 10.º aniversário do Ladrões de Bicicletas — um governo do Partido Socialista (PS)

com o apoio parlamentar do Bloco de Esquerda (BE), do Partido Comunista Português (PCP) e do Partido Ecologista “Os Verdes” (PEV) — começou por onde se pode e deve começar em tempos difíceis: usou o travão de emergência da democracia nacional para desacelerar ou parar o comboio da história que se dirigia rumo ao abismo da austeridade ou da privatização sem fim.

Sem pretensiosismo, podemos dizer que o blogue Ladrões de Bicicletas faz parte dos muitos encontros plurais que desaguarão na actual solução política. Em 15 de Outubro de 2015, uma notícia do *Jornal I*, intitulada “Dois ‘ladrões de bicicletas’ à mesa das negociações”, que levariam ao actual arranjo governativo, referia o texto inaugural do blogue e os quatro nomes próprios que o assinavam, esclarecendo: “O Pedro é Pedro Nuno Santos, economista do PS que integra a equipa socialista. O Zé é José Guilherme Gusmão, dirigente do Bloco de Esquerda. Os outros dois fundadores também não são desconhecidos — João Rodrigues e Nuno Teles, que à data estavam no Bloco de Esquerda, mas deixaram, entretanto, este partido, apoiando a CDU nas últimas eleições.”<sup>2</sup> O envolvimento daqueles e de outros autores do blogue na nova solução política fez-se com as características que se têm revelado fundamentais para a mudança ocorrida: colaboração e compromisso sem abdicação da identidade intelectual e política de cada um, mas com um espírito unitário. No fundo, na tradição das frentes populares de boa memória para os que não desistem.

Isto tem de ser só o começo. Para que o seja, é indispensável perseverar no combate das ideias. Na nossa modesta escala, temos procurado fazê-lo, assumindo a tensão entre o que pode ser mudado, muitas vezes na margem, no quadro das estruturas existentes, e o que só pode ser mudado com transformações estruturais de largo alcance, dada a dependência, em particular externa, entretanto gerada. É preciso pensar na conjuntura e para lá dela, não tomando a correlação de forças existente em cada momento como um impedimento para pensar o que não pode deixar de ser pensado, mesmo que ainda não haja força para o tornar realidade.

Alguns dos Ladrões de Bicicletas, os que encontraram disponibilidade para tal nesta fase — entre as exigências da investigação, do

2 A notícia está disponível em: <https://ionline.sapo.pt/417069>.

ensino ou da política —, juntaram-se para fazer isso mesmo e o resultado está nas páginas que se seguem. Tal como o blogue, este é um livro de economia, de política, de economia política e de política económica, sem separações artificiais que só espartilham a análise e impedem o reconhecimento da realidade das coisas. Ao contrário do blogue, os capítulos individuais têm uma dimensão bem superior a um *post*. E tal como cada um dos milhares de *posts* publicados nos últimos dez anos, o objectivo é persuadir, apresentando as melhores razões de que somos capazes. Usando uma metáfora oportuna para rever uma frase famosa: cientificamente, a única coisa que pode ser prevista é a pedalagem. Pedalemos então!